

A PESQUISA SOBRE A POSIÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO BRASIL: UM EXERCÍCIO DE SISTEMATIZAÇÃO EM OLHARES HISTORIOGRÁFICOS

Filipe Santos Fernandes
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
fernandes.fjf@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste texto é esboçar uma sistematização das pesquisas que centram seu interesse na produção de histórias – ou, que ocasionalmente tratam de aspectos de historicidade – da posição científico-acadêmica da Educação Matemática no Brasil. Junto a um conjunto de investigações, foi possível estabelecer cinco categorias: a) Investigações que discutem a constituição e consolidação da Educação Matemática como campo profissional e científico; b) Investigações sobre a construção de sociedades organizadas, de cunho político-institucional; c) Investigações que estudam a formação de grupos de estudo, pesquisa e trabalho em Educação Matemática; d) Investigações que analisam a inserção da Educação Matemática em programas de pós-graduação no país; e e) Investigações que, ao discutirem dimensões da pesquisa em Educação Matemática, tocam em questões da historicidade dessa área de pesquisa. Ao tratar, aqui, dessas categorias, pretendemos mostrar como a Educação Matemática tem se ocupado com essa discussão, de modo a permitir que questões e direções de cunho historiográfico sejam colocadas.

Palavras-chave: Categoria; História da Educação Matemática; Pesquisa; Sistematização.

1. Introdução ou: como se dá o exercício de sistematizar?

O objetivo deste texto é esboçar uma sistematização das pesquisas que centram seu interesse na produção de histórias – ou, que ocasionalmente tratam de aspectos de historicidade – da Educação Matemática como área de pesquisa no cenário científico-acadêmico brasileiro. Esta sistematização decorre das ações do projeto de pesquisa *A posição científico-acadêmico da Educação Matemática no Brasil: representações, instituições e políticas*, em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Uma primeira consideração, referente à própria proposta deste texto, é caracterizar a *sistematização* como uma direção analítica que se propõe a

[...] estudar, a partir de resíduos/manifestações/registros disponíveis [...], o modo como o campo em questão vai se delineando e, a partir desse estudo, como que numa conclusão desses esforços, explicitar ou sugerir categorias/classificações/tendências, cuja intenção precípua é apresentar, de forma às vezes sintética, às vezes descritiva, os resultados da trajetória analítica desenvolvida (GARNICA, 2010, p. 261).

De tal modo, destacamos três elementos que, entendemos, devem estar presentes na elaboração de uma sistematização.

O primeiro é a delimitação de um conjunto de investigações que, de algum modo, tocam em um problema comum, ainda que esse problema, o objeto da sistematização, não seja o foco principal das investigações disponíveis. Esse conjunto pode ser construído de diferentes maneiras, seguindo processos técnicos – como aqueles que buscam por palavras-chave em espaços de divulgação científica; que reúnem produções de coletivos específicos, como trabalhos de um mesmo grupo de pesquisa ou programa de pós-graduação; ou que selecionam trabalhos em um recorte espaço-temporal previamente definido – ou por meio de procedimentos que envolvem a sensibilidade e a experiência do pesquisador que sugere a sistematização. Em nosso caso, seguimos pelo segundo procedimento: ao debruçarmo-nos sobre o tema em diferentes momentos, surge-nos uma coleção de investigações que, julgamos, são suficientes para o esboço de uma sistematização com a intenção colocada: estudar, com um olhar historiográfico, o modo como a Educação Matemática tem se ocupado com investigações que discutem a sua presença no cenário científico-acadêmico brasileiro.

Como perceberão ao longo deste texto, as investigações por nós mobilizadas são de diferentes naturezas – livros, artigos, comunicações científicas, dissertações de mestrado e teses de doutorado –, abordando temas e referenciais teórico-metodológicos muito distintos entre si. Ainda que o nosso interesse seja estudar modos como essas investigações evidenciam aspectos de historicidade da Educação Matemática como área de pesquisa, alguns desses trabalhos não possuem uma *preocupação historiográfica* – um cuidado com a produção, organização, disponibilização e análise de fontes históricas para fins de pesquisas historiográficas, bem como uma atenção aos modos de se pensar a história e sua produção (FERNANDES, 2014). Apesar disso, esses trabalhos trazem importantes traços de historicidade da área de pesquisa e, por isso, atuaram na composição desta sistematização.

O segundo elemento busca levantar, em meio a esse conjunto de investigações, questões que auxiliem na elaboração de compreensões sobre o tema da sistematização. Esse levantamento é feito por meio de uma leitura atenta na qual a intenção da sistematização é sempre recolocada, como se o movimento de leitura carregasse insistentemente uma indagação que não anseia por respostas, mas por pistas. É essa insistência na pergunta e essa satisfação com o desconhecido que faz da sistematização um processo hermenêutico: ela

exige um cuidado quanto aos aspectos subjacentes a qualquer leitura, posto que, no limite, a sistematização estabelece uma leitura de outras leituras.

Toda sistematização deve, como processo hermenêutico, cuidar de sua plausibilidade. Como comenta Garnica (2010, p. 266), “embora toda sistematização explicita uma compreensão, é fundamental questionarmos a plausibilidade das interpretações [...] que nos são apresentadas”, e o mesmo deve acontecer, defendemos, por parte daqueles que elaboram as sistematizações apresentadas. O constante questionamento da plausibilidade deve ter como norte questões como: Por que este conjunto de investigações, esses registros, e não outros? Por que essas pistas, rastros, resíduos? Por que essas categorias e compreensões? Essas questões, ainda que vistas por muitos como inocentes, são fundamentais para a compreensão das possibilidades de emergência de certas sistematizações e não de outras; perguntas basilares para o questionamento da plausibilidade da sistematização que se elabora.

Em nosso caso, o envolvimento desta sistematização com um projeto de pesquisa *A posição científico-acadêmico da Educação Matemática no Brasil: representações, instituições e políticas*, em andamento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), permite-nos inscrever as questões anteriormente colocadas. A pesquisa tem como objetivo elaborar compreensões de como a Educação Matemática se constitui como *saber* no espaço científico-acadêmico brasileiro. Assim, ao perguntar sobre como, em um dado momento histórico, um discurso legitimado pelo espaço científico-acadêmico passa a ser difundido e consolidado, estamos também perguntando sobre como a Educação Matemática determina e é determinada pelas relações de poder e pelo engendramento de saberes. É essa trama saber-poder que conferiu ao projeto uma orientação metodológica foucaultiana. Por isso, nosso conjunto de investigações, nossas leituras e categorizações carregam nossa busca pela compreensão de como atuam os procedimentos que permitem gerar e gerir os modos de existir da Educação Matemática; procedimentos de permissão ou opressão, que autorizam e legitimam alguns discursos ao mesmo tempo em que oprimem e silenciam outros. Essa busca, ainda que não evidente ao longo deste texto, é o solo da sistematização apresentada e, muito possivelmente, o motivo de sua constituição.

O terceiro e último elemento é a elaboração de uma trama na qual as questões e temas vão produzindo compreensões – muitas vezes distintas daquelas de suas investigações iniciais – e possibilidades de categorização. Toda categoria, como tão amplamente discutido nas

abordagens qualitativas de pesquisa, é passível de ser revisitadas, já que inevitavelmente carrega as intenções daquele que categoriza: “toda classificação é exercício de poder” (GARNICA, 2010). Não se trata, contudo, de uma tentativa de exercer poder – o que, fatalmente, pode ocorrer –, mas de um exercício cravado na própria possibilidade de construção de categorias. Quando categorizamos, selecionamos, separamos, organizamos e, na maior parte das vezes, excluimos. São essas hegemonias e exclusões que fazem da categorização um meio pelo qual o poder se exerce. Assim, destaca Garnica (2010), mais importante que a categorização produzida em uma sistematização é o exercício de elaboração dessa categorização e, indo além, a explicitação desse exercício. É nele que nós, pesquisadores, colocamos em jogo os sentidos, as alianças, os interesses e as necessidades que subjazem ao processo de sistematizar. Nesse sentido,

[...] não são necessariamente as categorias finais o que mais importa num processo de sistematização. Segundo as lições que há muito nos são dadas sobre a natureza qualitativa das pesquisas que realizamos, importa mais o processo de sistematizar (elencar materiais-base, justificar a pertinência desses materiais, elaborar uma trama analítica a partir deles e, finalmente, sistematizar todo esse percurso em categorias) que os resultados da sistematização (as categorias “em si”, lidas separadamente do processo que permitiu constituí-las). [...] Se nos concentramos apenas nas fases detectadas (que são, por assim dizer, “categorias” resultantes da análise), todo o longo e cuidadoso percurso de elaborações se perde, e o trabalho torna-se uma mera periodização da produção em Educação Matemática no país (GARNICA, 2010, p. 266-268).

Ao analisar o modo como a pesquisa em Educação Matemática tem se ocupado com investigações que discutem a sua presença no cenário científico-acadêmico brasileiro, chegamos a cinco categorias, quais sejam: a) *Investigações que discutem a constituição e consolidação da Educação Matemática como campo profissional e científico*; b) *Investigações sobre a construção de sociedades organizadas, de cunho político-institucional*; c) *Investigações que estudam a formação de grupos de estudo, pesquisa e trabalho em Educação Matemática*; d) *Investigações que analisam a inserção da Educação Matemática em programas de pós-graduação no país*; e e) *Investigações que, ao discutirem dimensões da pesquisa em Educação Matemática, tocam em questões da historicidade dessa área de pesquisa*. A seguir, apresentamos as principais questões e desdobramentos de cada uma delas.

2. Categorias ou: o que nos diz o exercício de sistematização?

Nesta seção, apresentamos as categorias anteriormente levantadas, pontuando elementos comuns e questões emergentes em cada uma delas. O leitor perceberá que, muitas

vezes, haverá uma proximidade entre as questões colocadas nas distintas categorias, o que nos parece natural visto a natureza de nossa proposta: estudar pesquisas que centram seu interesse na produção de histórias – ou, que ocasionalmente tratam de aspectos de historicidade – da Educação Matemática como área de pesquisa no cenário científico-acadêmico brasileiro. Os elementos comuns e as questões emergentes serão exemplificados, por vezes, com traços de algumas das pesquisas mobilizadas.

a) *Investigações que discutem a constituição e consolidação da Educação Matemática como campo profissional e científico.*

Neste grupo de investigações, encontramos uma discussão sobre os processos de constituição e de consolidação da Educação Matemática (EM) com foco na construção de um campo profissional, entendendo a emergência de uma posição subjetiva, o *educador matemático*, no cenário científico-acadêmico; e/ou na produção de um campo científico, levando em consideração os diferentes paradigmas de investigação, correntes de pensamento, métodos, processos, critérios de legitimação, de qualidade e de validação de resultados que compõem a pesquisa em Educação Matemática.

Nesse cenário, um trabalho de destaque é o capítulo *Breve história da Educação Matemática enquanto campo profissional e científico*, de Fiorentini e Lorenzato (2007). Nele, ainda que não haja um compromisso historiográfico, surgem questões que contribuem intensamente com a discussão apresentada acima:

Qual a identidade da EM? Quais são os domínios e fronteiras da EM? O que é ser educador matemático? Há necessidade de investigação em EM? Quais os objetivos da pesquisa em EM? Quais são os principais campos da EM? Onde institucionalmente se devem desenvolver as pesquisas em EM? Como pesquisar em EM? (FIORENTINI; LORENZATO, 2007, p. 4-5).

Essas questões são perseguidas pelos autores ao longo do texto, de modo a apresentar uma periodização da Educação Matemática em quatro fases: 1) a gestação da EM como campo profissional (período anterior à década de 1970); 2) o nascimento da EM (década de 1970 e início dos anos 1980); 3) a emergência de uma comunidade de educadores matemáticos (década de 1980); e 4) a emergência de uma comunidade científica em EM (década de 1990). Como podemos notar – ainda que, aqui, apenas pelos títulos – as quatro fases elencadas pelos autores estão intrinsecamente relacionadas aos aspectos profissionais e científicos da Educação Matemática. Na leitura do texto, esses aspectos tornam-se ainda mais

evidentes, já que a discussão empreendida leva em consideração, no âmbito profissional, a formação de sociedades politicamente organizadas, como a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM); e, no âmbito científico, a imersão da pesquisa em Educação Matemática no cenário acadêmico, dando-se destaque à criação e à consolidação de programas de pós-graduação na área.

Outro trabalho, de profunda relação com o primeiro, é o artigo *Fincando estacas: uma tentativa de demarcar a educação matemática como campo profissional e científico*, de Kilpatrick (1996). Nele, há também o interesse em investigar aspectos científicos e profissionais. Segundo o autor, o aspecto científico (ou acadêmico) deve levar em consideração os critérios predominantes na pesquisa atual em Educação Matemática, bem como definir quais desses critérios deveriam ser usados na seleção de problemas e metodologias a fim de praticar uma pesquisa de alta qualidade. O aspecto profissional, por sua vez, deve firmar compromissos de educadores matemáticos universitários com a formação de professores.

Notemos que, em ambos os trabalhos aqui escolhidos como exemplos da categoria, o que está em jogo é *o que se pratica na e quem pratica a* pesquisa em Educação Matemática, e essa tendência se mantém em outros trabalhos que nesta categoria se inserem. No horizonte, essa categoria nos revela uma tentativa de *valorização* da pesquisa em Educação Matemática, reconhecendo sua presença e importância no cenário científico-acadêmico. Neste processo, surgem temáticas que buscam entender como a área de pesquisa se constitui nas inter-relações com campos já consolidados, compartilhando problemas, métodos e examinando as aproximações e os distanciamentos a critérios de cientificidade postos. Ainda que não haja, em geral, uma preocupação historiográfica nas investigações deste conjunto, é possível perceber traços de historicidade no relevo dado a episódios político-institucionais, como a criação de programas de pós-graduação ou de linhas de pesquisa em programas já existentes, de sociedades organizadas e de grupos que – talvez apenas aos olhares do presente – atuavam em uma área emergente denominada Educação Matemática.

b) *Investigações sobre a construção de sociedades organizadas, de cunho político-institucional.*

Neste conjunto, surgem investigações sobre os processos históricos de construção de sociedades profissionais organizadas que, em geral, têm atuação político-institucional. No

Brasil, há uma predominância de olhares para a década de 1980 e períodos posteriores, já que os anos de 1980 marcam os movimentos de organização da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), fundada em 1988.

Uma pesquisa que evidencia as preocupações dessa categoria de trabalhos é a tese de doutorado *História do movimento democrático que criou a Sociedade Brasileira de Educação Matemática* (PEREIRA, 2005). O trabalho, de natureza historiográfica, destaca os esforços e articulações do período que vai de 1985, ano de realização da VI Conferência Interamericana de Educação Matemática (Guadalajara/México), momento que marca o início das articulações para a construção da sociedade, a 1988, ano de fundação da SBEM. Além disso, evidenciam-se as concordâncias e os conflitos do processo de construção da SBEM, especialmente nas discussões ligadas à elaboração de seu estatuto.

Outros dois trabalhos tratam dos movimentos de criação de regionais da SBEM. O primeiro é a pesquisa de iniciação científica intitulada *A história da Sociedade Brasileira de Educação Matemática no Rio Grande do Norte*, desenvolvida por Souza e Gutierrez (2014). O trabalho revelou que a proposta de criação da regional esteve diretamente ligada aos interesses do professor Antônio Pinheiro de Araújo que, em 1990, após a realização do III Encontro Nacional de Educação Matemática, em Natal, movimentou-se na direção dessa criação, ainda que não bem sucedida. A regional foi fundada apenas em 2004, com o apoio da professora Arlete de Jesus Brito e de professores da região. O segundo, a pesquisa de mestrado *Sociedade Brasileira de Educação Matemática do estado de Mato Grosso do Sul: três caricaturas e muitas histórias* (LARREA, 2015). O trabalho busca compreender o processo de criação e atuação da regional da SBEM no Mato Grosso do Sul, mobilizando depoimentos e fontes escritas disponibilizadas em acervos. A autora aponta modos, distintos e complementares, pelos quais os processos históricos da criação da SBEM/MS podem ser compreendidos. Esses modos levam em conta, fundamentalmente, questões como as ações efetivas e simbólicas da regional e as possibilidades e entraves dessas ações.

É interessante notar que, em geral, os trabalhos desta categoria associam-se fortemente à criação e atuação da SBEM, seja no âmbito nacional ou regional. Diferentemente da categoria anterior, há neste grupo uma preocupação historiográfica, sendo seu revelado por personagens e acontecimentos que permitem identificar as preocupações político-institucionais dessas sociedades. Apesar de já existir uma riqueza de dados nesta categoria,

acreditamos que ela ainda careça de olhares em outras direções e perspectivas. Uma possível direção, mais evidente, seria a construção de histórias das mais diferentes regionais da SBEM, inclusive revisitando histórias já contadas; outra, correlata à primeira, levaria em consideração o insucesso ou silenciamento em movimentos de constituição destes grupos, como ocorrido na história produzida sobre a SBEM/RN. Há, ainda, uma possibilidade de mudança de perspectiva, mais ousada e delicada, que poderia abordar grupos institucionais não ligados à SBEM, como comissões vinculadas a órgãos governamentais que tratem de aspectos político-institucionais da Educação Matemática, como os de ordem pública, curricular, formativa e outras.

c) *Investigações que estudam a formação de grupos de estudo, pesquisa e trabalho em Educação Matemática.*

Nesta categoria, encontramos trabalhos que discutem a criação, a atuação e, por vezes, a extinção de grupos de estudo, pesquisa e trabalho em Educação Matemática em associações e instituições educacionais ou de pesquisa no Brasil.

Para tratar das dimensões desta categoria, citamos dois trabalhos. O primeiro, a tese de doutorado desenvolvida por Silva (2006), explora a constituição da identidade do *Centro de Educação Matemática* (CEM), grupo que atuou na cidade de São Paulo entre os anos de 1984 e 1997 e que prestou serviços de assessoramento e consultoria especializada em Educação Matemática para instituições escolares e governamentais. A tese é composta de quinze narrativas de pessoas que vivenciaram, de modos distintos, o grupo. O modo de explorar a identidade do grupo, porém, não se dá de maneira unidirecional: com mobilizações de diferentes teóricos, posições e abordagens, a autora oferece quatro identidades do grupo. Essas identidades, como comenta a autora, não se legitimam e tampouco se negam, sendo a área de pesquisa em Educação Matemática, pensada no âmbito das práticas e dos praticantes que compõem o CEM, discutida através de distintos olhares.

O segundo trabalho escolhido compõe parte do artigo *A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre a sua disciplinarização* (MIGUEL et al., 2004). No texto, há uma discussão sobre a criação do grupo de trabalho (GT) de Educação Matemática na *Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação* (ANPEd). Essa discussão traz posições em duas direções: a que entende a criação do GT como possibilidade de produção de um espaço de considerável divulgação da pesquisa em Educação

Matemática; e a que defende a inserção dos trabalhos em Educação Matemática nos grupos já existentes, sendo indesejável o isolamento ocasionado pela criação de um grupo de trabalho específico.

Ao abordarem processos de criação e atuação de *grupos* – reuniões de pessoas com interesses comuns –, as pesquisas desta categoria, em geral, evidenciam diferentes posições sobre questões ligadas à Educação Matemática. Além da declarada intenção de narrar uma história, essas investigações destacam a atuação desses grupos na constituição e consolidação da área de pesquisa, mostrando articulações e resistências de sua em diferentes contextos institucionais. Frequentemente, o relevo historiográfico, sustentado por alianças e rupturas, privilegia histórias de grupos vinculados a associações e instituições de amplo reconhecimento. Nesse ponto, em especial, destacamos que seria interessante considerar o desenvolvimento de trabalhos que abordem a movimentação histórica de grupos em que as vinculações institucionais são menos visíveis ou reconhecíveis, tratando de uma Educação Matemática exercida em espaços de menor visibilidade.

d) *Investigações que analisam a inserção da Educação Matemática em programas de pós-graduação no país.*

Como pontuamos na primeira categoria, os programas de pós-graduação são importantes elementos para a compreensão da Educação Matemática como campo científico, sendo tratados como marcos que situam o campo em um cenário científico-acadêmico geral. Nesta categoria, a inserção e a consolidação da Educação Matemática junto aos programas de pós-graduação não são tratadas apenas como marcos, mas constituem a centralidade das investigações desenvolvidas. Tratam-se, portanto, de pesquisas que formulam problemas em torno das relações estabelecidas no movimento de criação e atuação de programas de pós-graduação específicos ou de linhas de pesquisa em programas de pós-graduação já existentes.

Um trabalho que toca nesta problemática foi desenvolvido por Miranda (2015) e estuda o primeiro mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da UNICAMP, no período de 1975 a 1984. O autor explora o tema em duas direções: em uma delas, discute como as pesquisas em Educação Matemática desenvolvidas nesse programa dizem da Educação Matemática do período, especialmente seus personagens, temas e problemas; em outra, trata de como esse programa de pós-graduação marcou a presença da Educação Matemática no espaço científico-acadêmico brasileiro, delineando seus caminhos futuros.

Outro trabalho, a pesquisa de mestrado desenvolvida por Britto (2010), aborda as perspectivas de consolidação da Educação Matemática como campo de pesquisa no programa de pós-graduação em Educação da UFMG. Produzida junto a uma série de documentos – atas, depoimentos, questionários e outros –, a investigação, além de discutir as problemáticas das pesquisas desenvolvidas no âmbito desse programa, evidencia uma sintonia entre essas problemáticas e um movimento mais amplo que se verifica nacionalmente, o que sustenta e fortalece as questões ligadas à consolidação da Educação Matemática como uma das linhas de pesquisa do programa de pós-graduação em Educação da UFMG.

No tocante às investigações que se inserem neste grupo, entendemos que a análise cuidadosa das questões e discussões que envolvem a produção de pesquisas no âmbito dos programas de pós-graduação permite estabelecer compreensões sobre a posição da Educação Matemática em instituições de ensino superior. Ainda que haja uma preocupação sobre os espaços da Educação Matemática, como nos trabalhos de Miranda (2015) e Britto (2010), há ainda uma carência de discussões que toquem em questões como: Quais as instituições que iniciam um movimento de criação de espaços para a Educação Matemática? Como se dá esse movimento de criação? Como diferentes instituições brasileiras, antigas e atuais, instauram esses espaços (físicos e subjetivos) no qual os educadores matemáticos circulam? Pensar essas questões permitiria tecer considerações mais expressivas sobre as demandas, as concordâncias e discordâncias, os acidentes e os diferentes aspectos que tocam a circulação da Educação Matemática na pós-graduação brasileira.

e) Investigações que, ao discutirem dimensões da pesquisa em Educação Matemática, tocam em questões da historicidade dessa área de pesquisa.

Nesta última categoria, situamos os trabalhos que, ao discutirem dimensões da pesquisa em Educação Matemática – como aquelas de ordem filosófica, epistemológica, científica, entre outras –, tocam em aspectos de historicidade da área de pesquisa. Neste grupo, ainda que não exista, muitas vezes, uma preocupação historiográfica, podemos separar diversos elementos que dizem da Educação Matemática como agente e efeito de processos históricos.

Um dos trabalhos que consideramos como mais relevantes nesse cenário – e, por limitação de espaço, o único que descreveremos nesta categoria – é a pesquisa de doutorado de Venturin (2015), intitulada *A Educação Matemática no Brasil da perspectiva do discurso*

de seus pesquisadores. Nela, o autor trata de diversas dimensões – especialmente a de ordem filosófica – da área de pesquisa e, ao tratá-las, contribui com perspectivas da historicidade da Educação Matemática. Essas perspectivas são abertas, principalmente, nos diversos significados evidenciados nos discursos dos pesquisadores, nas relações e estilos que vão se compondo para a elaboração de uma área de pesquisa. A Educação Matemática não é, então, tratada de modo isolado, mas produzida junto às relações dos sujeitos que a vivenciam. Um tratamento semelhante é dado pelas pesquisas de Fernandes (2014) e Vianna (2000).

Destacamos que os trabalhos aqui situados possuem uma profunda preocupação em não desvincular os aspectos filosóficos que circunstanciam a pesquisa em Educação Matemática, especialmente os que tangem sua cientificidade, dos aspectos históricos de sua constituição, tratando de uma Educação Matemática *em movimento*. Podemos lançar como questões historiográficas, então, os modos como esses movimentos vão produzindo acontecimentos que instauram um solo no qual um saber pode se sustentar e, ainda, transitar.

3. Considerações finais ou: um convite!

Ao longo deste texto, buscamos levar em consideração os desdobramentos de diversas pesquisas para pensar uma temática emergente no campo da História da Educação Matemática: a produção de histórias sobre a posição científico-acadêmica da Educação Matemática no Brasil. Como pontuado, as pesquisas apresentadas ao longo deste trabalho não representam a totalidade das investigações mobilizadas, e tampouco configuram categorias fixas e bem definidas. Evidentemente, muitos trabalhos poderiam não se enquadrar nessas categorias, ainda que compartilhem de muitas das questões aqui destacadas. A proposta da categorização, decorrente desta sistematização, tem a simples pretensão de *mostrar* como alguns trabalhos têm se ocupado com a problemática, permitindo que outras questões e direções, de âmbito historiográfico, fossem elaboradas e colocadas com maior evidência. Pretendemos, assim, não só aventar novas possibilidades de investigação, mas destacar a construção de um cuidado, de ordem ética, estética e política, que deve acompanhar a própria comunidade.

4. Referências

BRITTO, F. A. *Perspectivas de consolidação da Educação Matemática como campo de pesquisa no programa de pós-graduação em Educação da UFMG*. 2010. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FERNANDES, F. S. *A quinta história: composições da Educação Matemática como área de pesquisa*. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2014.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. Breve história da Educação Matemática enquanto campo profissional e científico. In: _____. *Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

GARNICA, A. V. M. Outras inquisições: apontamentos sobre História Oral e História da Educação Matemática. *Zetetiké*, Campinas, v. 18, n. 34, p. 259-304, jul./dez. 2010.

KILPATRICK, J. Fincando estacas: uma tentativa de demarcar a educação matemática como campo profissional e científico. *Zetetiké*, Campinas, v. 4, n. 5, p. 99-120, jan./jun. 1996.

LARREA, N. T. *Sociedade Brasileira de Educação Matemática do estado de Mato Grosso do Sul: três caricaturas e muitas histórias*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

MIGUEL, A. et al. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre a sua disciplinarização. *Revista Brasileira de Educação*, n. 27, p. 70-93, set./dez. 2004.

MIRANDA, G. A. Passos embrionários da pesquisa em Educação Matemática no Brasil: personagens e produções do primeiro mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Unicamp. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 6, 2015, Pirenópolis. *Anais do 6º Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Brasília: SBEM, 2015.

PEREIRA, D. J. R. *História do movimento democrático que criou a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM)*. 2005. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, H. *Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade*. 2006. 448 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2006.

SOUZA, J. C. R.; GUTIERRE, L. S. A História da Sociedade Brasileira de Educação Matemática do Rio Grande do Norte. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2, 2014, Bauru. *Anais do 2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática*. Bauru: Faculdade de Ciências, 2014.

VENTURIN, J. A. *A Educação Matemática no Brasil na perspectiva de seus pesquisadores*. 2015. 541 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2015.

VIANNA, C. R. *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática*. 2000. 572 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.